

A essência do totalitarismo

» OTÁVIO SANTANA DO RÊGO BARROS
General de Divisão RI

“O pensamento requer não só inteligência e profundidade, mas sobretudo coragem.”
(Hanna Arendt)

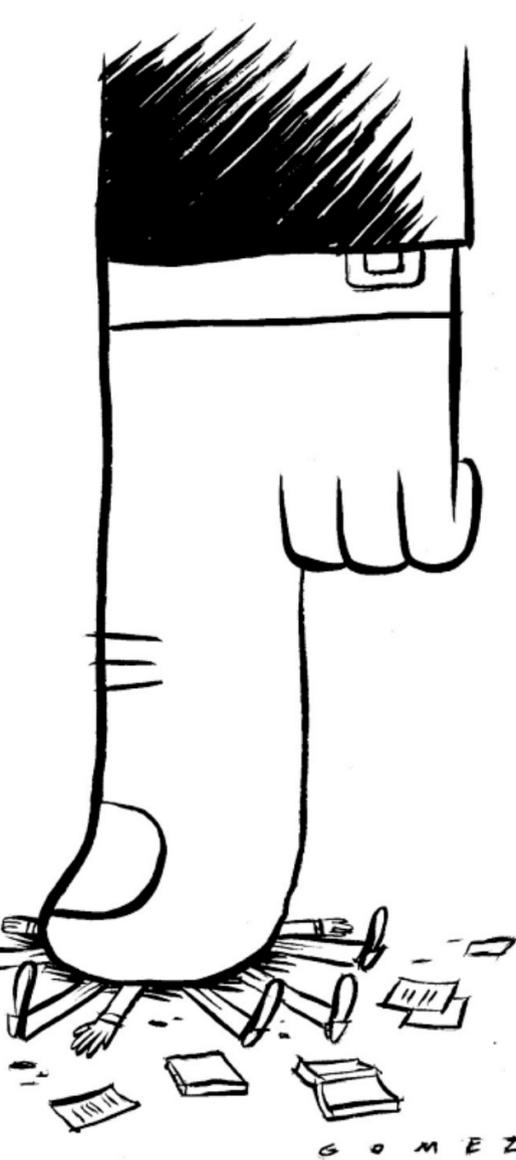
Para Joseph Goebbels, o motor da ideologia nazista seria turbinado pelo confessional e não pelo cognitivo. “Cristo não apresentou nenhuma prova no Sermão da Montanha, limitou-se a apresentar informações. Obviedades não precisam de prova.” Semana passada, dois fatos nos remetam aos tempos sombrios da ascensão e tomada do poder pelo partido nacional-socialista dos trabalhadores alemães (NSDAP).

O primeiro, um encontro entre autoridades do governo e parlamentares brasileiros com uma deputada alemã, do partido de extrema-direita AfD, agremiação que tangencia o ideário nazista. O segundo, uma postagem do Supremo Tribunal Federal, usando um aforismo nazista propalado por Goebbels, para contestar algumas declarações do poder central: “uma mentira repetida muitas vezes vira verdade? NÃO!”

Sobre aquele período, consulte a obra de Peter Longerich, *Joseph Goebbels — Uma Biografia* (Objetiva, 2010). Pesquisa profunda que deslinda uma personalidade narcísica perturbada. Longerich revela que até o suicídio de Goebbels foi idealizado como uma peça de propaganda ideológica em defesa obcecada do mito, Adolf Hitler, e do nacional-socialismo

A mentira tornou-se oxigênio, vital para o processo de convencimento. Para Goebbels, pouco importava no que as pessoas acreditassem, contanto que acreditassem. A propaganda professada não seria argumentativa, bastava atingir as massas. Seu princípio basilar, chamar a atenção. “Estão começando a falar de nós [...] ainda que a contragosto e com raiva.”

As campanhas difamatórias lembram o atual ambiente de batalha do ciberpulismo. Cartazes afixados nas esquinas de Berlim seriam cabíveis como “memes” das mídias sociais contemporâneas. Com o domínio das máquinas da imprensa e das antenas de radiodifusão determinava que os órgãos de notícia divulgassem, em rede na-



cional, os discursos do Führer. Eram eventos grandiosos, considerados purificadores para o projeto totalitário.

Aproveitava-se também dessas mídias subservientes para demonstrar ao alter ego sua obtusa e sabuja fidelidade. Hipocritamente, afiançava ser um defensor da “via legal” para ascender ao poder. Como marqueteiro, trabalhou a imagem do Führer em duplo papel: portador da esperança e salvador da nação, acima das querelas partidárias, e, igualmente, um homem simples e um ex-combatente devoto.

Na luta pelo domínio da narrativa, seu objetivo estratégico era afogar a liberdade de imprensa. “Opinião pública é fabricada, e

quem participa da sua construção assume uma responsabilidade enorme perante a nação e perante todo o povo.” Ameaçava física e moralmente os jornalistas renitentes, afirmando que os excluía, a qualquer custo, da missão inspiradora. É uma “imprensa anarquicamente destrutiva e isoladora.”

Como diretriz de comunicação oficial, proclamava: “uniforme nos princípios, mas multiforme nas nuances”. Era a absoluta nazificação das agências de notícias. Gostava de ridicularizar os rivais do partido de modo aparentemente inofensivo. Mas, segundo Albert Speer, arquiteto-chefe do terceiro reich, diante de Hitler, demonstrava uma imensa flexibilidade para adaptar-se às observações do chefe, mesmo que antes defendesse o contrário.

Seu passivo emocional era doentio. “O velho problema, ou eu faço sozinho, ou eu me alegro quando dá errado”. Recusava-se a acreditar que a realidade, muitas vezes, superava a propaganda. Muitas outras citações serviriam de lastro para comprovação das atrocidades conduzidas por Joseph Goebbels. Fiquemos nas particularidades da mente doentia. Os reflexos do nazismo-fascismo nos tocam até hoje. A guerra mundial e o holocausto são as faces mais grotescas e visíveis que a história nos aponta.

Mas abaixo da linha d’água, sem a percepção cotidiana da sociedade, essas ideias não feneceram, cambiaram de roupagem. Valendo-se da “ingenuidade” dos processos democráticos, batem sorrateiramente à porta frágil das democracias sobressaltadas. Contra isso, lutaram os aliados. Lutaram os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), nas montanhas gélidas da bota italiana, durante a Segunda Guerra Mundial. Nessa epopeia pereceram 457 brasileiros, cujo sangue, suor e lágrimas vertidos não merecem desrespeito ou esquecimento de seus concidadãos. Aqueles heróis que fizeram a cobra fumar são inspirações perenes. Por eles, a sociedade brasileira continuará peleando em defesa da liberdade. A genuína liberdade!

Paz e bem!

Os estereótipos de gênero encontrados nas IAs

» CAMILA CRUZ

Business Unit Manager na empresa de Consultoria de Data Science, Ilumeo

O que vem a sua cabeça quando pensa nas assistentes virtuais Bia (Bradesco), Cris (Crevisa), Lu (Magazine Luíza), Alexa (Amazon), Siri (Apple), Cortana (Windows) e Nat (Natura)? Muito certamente você pensará ou na marca ou na imagem feminina associada a essas assistentes virtuais. Não é de hoje que as inteligências artificiais recebem nomes ou características humanas. Até na ficção, como em “2001: Uma Odisseia no Espaço”, de 1968, temos HAL 9000, e tantos outros exemplos podem ser encontrados.

E assim a vida imita a arte. Não há como negar o sucesso que as IAs (Inteligência Artificial) fazem hoje em dia. Duas pesquisas distintas, realizadas pela Ilumeo, apresentaram resultados interessantes sobre o uso dessas tecnologias, como o crescimento de 47% no uso de assistentes virtuais durante a pandemia, e a percepção positiva por 60% dos brasileiros quando o assunto são agentes de recomendação.

Não é para menos, afinal, elas estão conosco a todo momento, e podem tornar decisões e tarefas muito mais fáceis e rápidas, sendo que em a cada cinco indivíduos até mesmo permite que essas IAs tenham total autonomia sobre as escolhas de produtos. E isso acontece por um motivo bem

simples: identificação com o rosto ou personalidade daquela IA que passou por um processo de antropomorfização, isso é, de conseguir características que a façam se passar por uma pessoa.

Diante desse cenário em que o entendimento de humanos e robôs fica mais confuso a cada novo avanço tecnológico, os assédios e outras problemáticas machistas, vêm sendo direcionadas às interfaces — que são em sua maioria representadas por mulheres. Em maio de 2019, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) havia mencionado o tema com o estudo *I'd Blush If I Could* (Se pudesse, eu ficaria corada), que trouxe luz ao assunto ao analisar o problema sofrido pelas assistentes de voz.

A queridinha do momento, a Sam, da Samsung, que passou por um redesign no começo do mês de junho deste ano, e fez sucesso nas redes sociais, principalmente por sua aparência, já vêm sofrendo com comentários de conotação sexual — algo que também pode ser encontrado por outros perfis de empresas que têm avatares femininos. Tudo isso leva a questão: porque existe uma discrepância tão grande entre as IAs masculinas e femininas?

Quando analisamos as preferências dos usuários que utilizam os agentes de recomen-

dação, vemos que mais da metade dos respondentes demonstraram predileção por agentes do perfil feminino (51%) em detrimento daqueles de perfil masculino (46%). E isso talvez não seja apenas coincidência. De acordo com uma entrevista de Sanıye Gülsel Corat, ex-diretora da Unesco para a Igualdade de Gênero, concedida à *Time*, vozes e personalidade femininas muitas vezes são associadas ao ato de servir e ser dócil, em vez de liderar. Praticamente, colocando às IAs em uma posição similar ao que se via as mulheres de carne e osso durante os anos 1950 e 1960.

Sobretudo, o ponto-chave dessa questão também está na diversidade — ou falta dela — quando se fala do setor de TI. Isso porque, IAs são programadas a partir das percepções daqueles que as criam, ou seja, percepções preconceituosas quanto a gênero, etnia, ou sexualidade muitas vezes podem ser traduzidas com comportamentos como a subserviência das IAs femininas. Segundo o relatório da Unesco pelo menos de 90% dos profissionais de TI responsáveis pelo comportamento das IAs são homens. Por isso, assim como recomendado pela Unesco, o ideal é realizar ações como a do Bradesco e programar essas tecnologias de forma que respondam e desencorajem comportamentos nocivos, como assédios.

O preço a ser pago

Em um país onde o cobertor das finanças públicas é sempre curto, em razão da má gestão dos recursos e pelo pendor perdurário da maioria dos governos, quando falta dinheiro de um lado, o único jeito é retirar de outra rubrica, mesmo que ela seja prioritária e urgente para o atendimento da população. Assim, todos os dias o cidadão assiste ao noticiário informando uma sequência ininterrupta de transferências de bilhões de reais, que são alocados de setores como a pesquisa, educação, cultura, saúde e outras de interesse direto da população, para cobrir rombos ou para complementar projetos, como fundo eleitoral, emendas de bancadas, emendas individuais, emendas de relatoria, emendas de comissão, fundo partidário e uma infinidade de outros projetos de agrado dos políticos.

Dezenas de bilhões de reais retirados de onde realmente são precisos para serem deslocados para onde não fazem a menor falta, sobretudo, quando se constata a situação de penúria experimentada nesse momento pelo grosso da população, com o aumento do desemprego, da fome, da pobreza, submetidas ainda aos rigores de uma pandemia má gerida desde o início. Não há justificativa possível capaz de fazer com que o brasileiro médio compreenda e aceite esses remanejamentos como naturais e próprios da gestão administrativa do Estado.

O que salta aos olhos, logo de saída, é a insensibilidade com o que realmente importa e reclama medidas imediatas. A situação chega num crescendo tão absurdo, que leva o cidadão esfolado a acreditar que — diante dos altíssimos custos cobrados para que tenhamos um país, pretensamente, democrático — melhor seria regressarmos a um modelo de Estado centralizado e enxuto. O fato é que, para mantermos o atual status quo de nosso modelo de república, avaliado como o mais caro de todo o planeta, temos que repensar vantagens e prejuízos, sob pena de inviabilizar uma coisa e outra.

O que causa espanto é que, diante de uma situação adversa dessa magnitude, ainda é possível incluir nesse baile tardio do império os valores que serão sendo cobrados pelo pseudoapoio do Centrão ao governo. Trata-se de uma conta que, para o bem da moralidade pública fugidia, não é divulgada e, por certo, será selada como segredo de Estado pelos próximos 100 anos. A notícia ruim, agora, sob forma de um calote oficial, é a de que o governo vai parcelar por tempo indefinido o pagamento de precatório, medida que vai pegar, principalmente, aqueles que não têm meios de pressão e lobby.

Para as elites do Estado, os pagamentos foram acertados há anos. Para professores e outros servidores, muitos dos quais falecidos, há décadas, esses pagamentos não serão feitos antes da virada do século. E saber que o governo retira da população recursos vitais que, mais tarde, recusa a devolvê-los, mesmo em caso de vida e morte. É a brutalidade do sistema e o preço a ser pago para que tudo permaneça como está.

»» A frase que não foi pronunciada

“Quantos parlamentares teriam coragem de propor um referendo para a população brasileira escolher com uma pergunta clara: você é a favor do voto impresso dentro da urna eletrônica?”

Dona Dita, com um sorriso de canto

Memória

» Muito bem lembrada, por João Vicente Costa, a história de Brasília sobre o senhor Jerônimo e dona Victória Abbadia Bezerra e Silva (viveu até os 102 anos). Eles vieram para Brasília em 1956 e ajudaram, com muito trabalho, a construir a cidade. Eram um dos primeiros moradores de onde seria a capital do país. Donos legítimos de muitos hectares. Que fique o registro desse casal que abraçou a nova capital com entusiasmo.

Páginas viradas?

» Como a venda de livros caiu amargamente, vendedores estão apelando para a criatividade para chamar atenção das pessoas. Em uma estante de uma cor só o cartaz diz: “Não me lembro do título, mas a capa era vermelha”. Na outra, os livros com os títulos voltados para trás e a placa indica: “Mistérios”.

Bomba

» Publicada no jornal da Universidade de Berkeley, na Califórnia, a entrevista com Joel Moskowitz, pesquisador da Escola de Saúde Pública e diretor do Centro de Saúde Familiar e Comunitária da UC Berkeley. O professor aponta os perigos da radiação dos aparelhos de celular e o efeito que o uso prolongado pode causar às células humanas. Veja todos os detalhes no *Blog do Ari Cunha*.

»» História de Brasília

Ainda sobre o caso Ney Braga, recebo novo telegrama que faço questão de substituir ao primeiro: “Tomando conhecimento da retificação feita em sua coluna no *Correio Braziliense*, louvo sua atitude, própria dos verdadeiros profissionais de imprensa. Grato. Ney Braga, governador do Paraná”.
(Publicado em 6/2/1962)